



O ADJETIVO E O EFEITO DE SENTIDOS SOB A ÓTICA DA SEMÂNTICA DA ENUNCIÇÃO

Agripino José Freire da Fonseca¹

RESUMO

A gramática normativa não consegue explicar todos os fenômenos linguísticos. A partir dos fundamentos da Semântica da Enunciação, este artigo tem o objetivo de analisar ocorrências de adjetivos na posição anterior e posterior ao substantivo e verificar como se dá o efeito de sentido advindo da troca de posicionamento do adjetivo em relação ao substantivo.

Palavras-chave: Gramática normativa. Semântica da enunciação. Adjetivo. Sentidos.

ABSTRACT

The normative grammar can not explain all linguistic phenomena. From the foundations of the Semantics of Enunciation, this article aims to analyze occurrences of adjectives before and after the noun position and we will see how is the effect of meaning arising from the exchange of positioning of adjective in relation to the noun.

Keywords: Normative grammar. Semantics of enunciation. Adjective. Meanings.

INTRODUÇÃO

Utilizaremos, neste artigo, os conceitos discutidos por Dias² (2003, 59-65) apoiados na Semântica da Enunciação. Esses conceitos foram expostos em vários de seus trabalhos. Esse autor parte do princípio de que o conceito de substantivo, adjetivo e pronome, contido nas gramáticas normativas tradicionais, seguindo o pensamento platoniano, sustenta-se na tese, segundo a qual, a existência do ser precede o seu nome: assim, o substantivo designa o ser, o adjetivo fornece a característica, a aparência ou o estado do ser e o pronome representa o ser, pessoa do discurso.

Dias nos mostra que há, na língua, inúmeros casos que não seguem os ensinamentos de Platão. Cita, por exemplo, inexistência, nada, ausência, falsa em “gravidez falsa”, você em “Você não tem segurança para andar no centro da cidade hoje

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da UNESP/IBILCE/SJRP/SP

² DIAS, Luiz Francisco. A sintaxe em novas dimensões. In: TOLDO, Claudia Stumpf (Org.). Questões de Linguística. Passo Fundo, RS: UPF Editora, 2003.



em dia”, em que “você” não representa a 2ª pessoa do singular, mas um personagem indefinido.

Diante dessa constatação, veremos alguns conceitos que nos ajudarão a analisar com mais segurança os sentidos decorridos da relação entre as unidades lexicais num enunciado e que a gramática normativa tradicional não contempla.

O primeiro desses conceitos é **articulação**. Segundo Dias, articulação é a relação existente entre as unidades lexicais que constituem um enunciado, uma sentença. Essa relação ocorre de modo claro e transparente em algumas sentenças, porém, de maneira não muito clara em outras situações linguísticas.

Para explicar melhor esse fenômeno, Dias analisa o enunciado que diz que a “gramática procura explicar a língua a partir da sua organicidade”. A ideia de organicidade leva a compreender a língua como um organismo, constituído de elementos que se relacionam entre si e geram sentidos. Esses elementos são as unidades lexicais, as palavras. Elas se organizam, se combinam, entre si para formarem sentenças e produzirem sentidos. Segundo esse autor, a articulação se dá de três formas:

a) Por meio da preposição

Ex.: Pão de queijo = “pão” e “queijo” se articulam por meio da preposição *de*.

b) Alteração de uma das unidades

Ex.: Eu estudo e você **estuda**.

As formas do verbo estudar sofreram alterações para se articularem com as unidades correspondentes aos pronomes **eu** e **você**.

O que se observa é que essas articulações se realizaram dentro da própria estrutura linguística, na unidade lexical, na sentença. São passíveis de serem detectáveis na organicidade da língua.

A terceira articulação não se deixa observar dentro da estrutura linguística, mas fora dela. É o que acontece na sentença abaixo:



c) lugar sintático - há um espaço que muitas vezes não é ocupado ou não é ocupado claramente, dentro da sentença. Esse espaço é chamado, por Dias, de “lugar sintático”. Ocorre nas seguintes situações:

c.i) Quando não é possível apontar o objeto, complemento verbal, na sentença:

Ex.: No provérbio: “Só quem ama conhece a Deus”, não é possível verificar na sentença o objeto, complemento verbal, como em: Eu amo **minha família**. Sabemos que há um lugar sintático, mas esse lugar sintático não é preenchido por uma palavra, uma unidade lexical.

c.ii) Quando o sujeito, na sentença analisada, vier condicionado por fatores ligados à:

Definitude - Ex.: Comeram todo o bolo.

Aqui, sabemos que há um lugar sintático, mas não se pode definir com clareza quem é o “sujeito”. Não há como dizer quem é, realmente, o sujeito da sentença. A terceira pessoa do plural tem essa característica, quando não há referência a alguém que possa ter realizado a ação verbal.

Indefinição - Ex.: Tomou? (Comercial da Parmalat, em que várias crianças, fantasiadas de vaquinhas, bebiam leite e, ao fim, uma delas olhava para a câmera e perguntava).

Por se tratar de um comercial, o “sujeito” se dá pela indefinição, isto é, não importa quem seja o interlocutor, pois, pode ser qualquer um que esteja assistindo ao comercial veiculado pela mídia.

Essa situação é típica de texto de propaganda que tem por objetivo atingir um maior número possível de consumidores.

Generalização - Quem tudo quer tudo perde.

Embora o pronome **quem** ocupe o lugar sintático de sujeito, nesse caso, ele revela a generalização, que se caracteriza por fazer referência ao todo.

A generalização é típica de textos proverbiais que são usados para todas as pessoas e em qualquer circunstância, como verdade universal, absoluta.



Se até aqui o conceito de articulação foi explicitado em relação às questões sintáticas em geral, veremos, agora, como Dias³ nos mostra esse fenômeno linguístico na interligação entre adjetivo e substantivo, também uma questão sintática.

A explicação do conceito de **articulação** nos levou a outros dois conceitos: **dimensão orgânica** e **dimensão enunciativa**. O primeiro corresponde à estrutura formal da língua materializada no enunciado. Essa estrutura é composta de elementos que se articulam: unidades lexicais formando sintagmas e sintagmas que se articulam formando sentenças e produzindo sentidos. O segundo conceito projeta a relação entre as unidades lexicais para fora da estrutura formal da língua e se concretiza por meio da constatação em outros enunciados construídos em outra esfera contextual.

Como já observado, a dimensão puramente orgânica da língua não dá conta de como ocorrem todas as suas formas de articulação. A articulação de uma unidade com outra muitas vezes não está presente na estrutura, mas fora dela. A dimensão orgânica é apenas o início do estudo da língua e necessita de uma interligação necessária com uma outra dimensão, que Dias denomina dimensão enunciativa, discursiva.

Assim, Dias amplia o conceito de articulação para interligação entre a dimensão orgânica e a dimensão enunciativa para a elucidação dos fenômenos semânticos inerentes à língua.

Surgem, assim, novos conceitos advindos da ordem enunciativa, discursiva: **historicidade, dupla adjetivação, topicalização e memória histórica**.

Veremos que a agregação entre substantivo e adjetivo, muitas vezes, se constitui na relação entre a dimensão orgânica e a dimensão enunciativa.

É nosso propósito trabalhar essas questões na relação entre as unidades lexicais adjetivas e substantivas da língua.

Articulação: dimensão orgânica e dimensão enunciativa

³ DIAS, Luiz Francisco. Perspectivas de estudo do adjetivo numa ótica enunciativa. UFMG. Abril de 2007 (Inédito).



Primeiramente, para podermos nos situar diante do objeto a ser analisado, tomaremos o conceito padrão de adjetivo encontrado na maioria das gramáticas tradicionais, também conhecidas como normativas, que definem o adjetivo, em geral, como a palavra que fornece a característica, a aparência ou o estado do ser.

Verificaremos que essa definição, do que seja o adjetivo, não contempla todas as possibilidades de ocorrência dessa categoria gramatical. Em muitos casos, há a necessidade de repensar e formular uma nova teoria que ocupe os espaços em branco deixados pela teoria gramatical tradicional ainda muito em voga.

Dias, em artigo citado, de início, faz um levantamento de alguns aspectos semânticos fundamentais para a compreensão do adjetivo. Primeiramente, segundo o autor, o conceito de articulação não é bem compreendido quando se trata da linguagem. A articulação, que é a relação existente entre as unidades de um sintagma e de uma sentença, na linguagem, se dá em duas dimensões bem distintas: a **dimensão orgânica**, quando as unidades lexicais se articulam formando sintagmas e esses, por sua vez, se articulam para formar sentenças, e a **dimensão enunciativa** que se configura fora dos aspectos meramente gramaticais de uma língua, ou seja, fora da **dimensão orgânica**.

Para ele, a dimensão puramente orgânica da língua não fornece todas as condições para conhecermos uma língua, pois, é precária pelo fato de que a articulação de uma unidade com outra, muitas vezes, não está presente na estrutura. Vejamos:

- 1 – Temos **água fria** para o tererê;
- 2 – Temos **água quente** para o café;
- 3 – Pedro tem um **papo frio** que não empolga ninguém;
- 4 – Maria sempre tem um **papo quente** para as noites frias.

Lendo com cuidado as sentenças acima, verificamos que em 1 e 2 temos adjetivos que nos remetem a percepção de sensações térmicas. De fato, para o preparo do tererê necessário se faz que haja **água fria** (caso fosse para o preparo do chimarrão a água seria necessariamente quente, conforme manda a tradição cultural gaúcha), assim como para se fazer um delicioso café é preciso que se tenha **água quente**.



Para essas duas situações, a sensação térmica é fundamental para o objetivo desejado. Mas, no caso das outras duas sentenças, frio e quente já não têm o mesmo efeito.

Em 3 e 4, temos um substantivo que se articula com um adjetivo que não lhe é próprio, apropriado. **Papo**, aqui, diz respeito a um brasileirismo, uma gíria, com sentido de conversa, conversação. O que não implica, necessariamente, em apresentar-se com uma determinada sensação térmica.

Temos, assim, uma conotação semântica que não poderá ser detectada na dimensão meramente orgânica. O sentido aqui dependerá da relação existente entre os atores dessa cena, entre os sujeitos envolvidos num contexto repleto de historicidade, de convivência, de conhecimento entre si. **Papo frio** revela uma conversa sem agrado, desconexa, não envolvente, que não atrai, não segura a atenção de quem ouve, não desperta interesse dos ouvintes. Nesse caso, é o oposto de **papo quente** que, ao contrário, significa uma conversa atraente, chamativa, cria interesse nos participantes e é envolvente. Podendo, até mesmo, ter alguma conotação sensual, libidinosa, lasciva, relativa ao ato sexual. Mas, jamais, remeterá o leitor a aspectos relacionados à sensação térmica.

Isso só é possível quando a sentença é projetada para outra dimensão que é a enunciativa. Assim, percebe-se que não se trata de mera sensação térmica entre **frio** e **quente**, como nos exemplos anteriores, mas, sim, de outra situação, só percebida quando se leva em consideração a experiência de vida dos sujeitos envolvidos.

A articulação entre as unidades lexicais **água ↔ fria** e **água ↔ quente** se dá, como já dito, na própria estrutura da sentença, não necessitando de outra estrutura.

A articulação entre as unidades lexicais **papo ↔ frio** e **papo ↔ quente** se dá na estrutura linguística, que é a dimensão orgânica, mas também, fora dela. Numa primeira etapa, as unidades lexicais substantivas e adjetivas se articulam formalmente, para, numa segunda etapa, se articularem no nível semântico, produzindo sentidos que são percebidos numa situação discursiva, que é o que caracteriza a dimensão enunciativa.



Nesse caso, Dias (2007, 2) observa que: “A agregação entre substantivo e adjetivo se constitui na relação entre a dimensão orgânica e a dimensão enunciativa”.

Historicidade: resistência discursiva

Outro caráter do adjetivo, explorado pelo Dias, refere-se a sua historicidade que não é contemplada nas definições do adjetivo nas gramáticas tradicionais.

Isso ocorre, por exemplo, quando os moradores de uma determinada cidade resolvem não aderir ao novo nome de uma rua e permanecem chamando essa rua pelo nome anterior, precedido pelo adjetivo *antiga*.

Aqui, em Porto Velho, capital de Rondônia, há uma rua que se chamava Abunã, mas teve o seu nome trocado para Joaquim Araújo Lima, há pouco mais de dez anos. Quando alguém necessita informar o nome da rua onde mora sempre diz que reside na antiga Rua Abunã.

A Rua Abunã não é tão antiga assim, mas é como ela ainda é conhecida e reconhecida, hoje em dia, pelos moradores de Porto Velho. Assim, Rua Joaquim Araújo Lima fica para os documentos oficiais, enquanto que, na comunicação do dia a dia, a referência é a antiga Rua Abunã.

Ao agir dessa forma, o morador da cidade de Porto Velho, como afirma Dias (2007, 2), invoca uma memória e marca a resistência de mudança, além de que “conhecer o funcionamento do adjetivo envolveria também uma reflexão sobre a relação entre as instituições e o sujeito na sociedade”.

Ainda segundo Dias, “A agregação entre o substantivo e o adjetivo é sustentada, de um lado, na dimensão orgânica, formando um sintagma nominal e, de outro lado, na historicidade específica da relação entre o sujeito e as instituições sociais, pela dimensão enunciativa”. (Dias, p. 2)

Dupla adjetivação: o sujeito e o enunciador



Outra situação envolvendo o adjetivo é quando ocorre a “dupla adjetivação” aplicada ao substantivo. Aqui temos dois atributos que, embora sejam contraditórios, são “aplicados ao mesmo ser”, lembra Dias (2007,3).

Nesse caso, temos os adjetivos exercendo as funções sintáticas de adjunto adnominal e de predicativo do objeto.

Vejamos os exemplos abaixo:

- 1 – O professor considerou o aluno tímido falador;
- 2 – O técnico sentenciou o jogador craque rebelde;
- 3 – O pai julgou o filho marginal inocente;

Temos, nos exemplos dados, a chamada dupla adjetivação: um substantivo seguido de dois adjetivos que, por serem contraditórios, criam uma situação de incômodo, à primeira vista, para o leitor/ouvinte do enunciado/discurso.

Como entender, então, esse fenômeno? Conforme posição tomada por Dias, nesse caso, “para que isso seja possível, há que se conceber dois lugares de enunciação diferentes, tendo em vista dois ‘sujeitos’ diferentes como responsáveis por cada um dos atributos”. (Dias, 2007,3)

Dito de outra maneira, é preciso que se entenda que há dois sujeitos dentro de um só enunciado. Temos o sujeito que é a personagem interna ao conteúdo do próprio enunciado e o enunciador, que segundo Ducrot, citado por Dias, é quem produz o enunciado, sendo, portanto, uma personagem externa ao próprio conteúdo do enunciado.

E cada sujeito opina, julga, analisa o seu objeto de acordo com o seu ponto de vista. Isso faz com que haja adjetivos díspares, em um só enunciado, para um mesmo substantivo.

Analisando os enunciados acima temos:

Enunciado I: O professor considerou o **aluno tímido falador**.

Para o sujeito, personagem inserida no enunciado, aqui representado pelo ‘professor’, o aluno é um falador, tagarela, extrovertido; para o enunciador, personagem



fora do enunciado, aqui representado por quem produz o enunciado, aquele que diz que o ‘professor’ disse, o aluno é tímido, calado, introvertido.

O mesmo ocorre no enunciado de número dois:

Enunciado II – O técnico sentenciou o **jogador craque rebelde**.

Como no enunciado 1, temos um substantivo acompanhado por dois adjetivos: **jogador craque rebelde**. Aqui, craque e rebelde não são sinônimos, mas, pelo poder apelativo que o mesmo tem com a torcida do clube pelo qual trabalha, há sempre uma esperança que o craque tenha um comportamento mais equilibrado do que os demais jogadores da equipe. Além de que, esses dois qualificativos são proferidos por dois sujeitos, também, diferentes. O jogador é considerado um craque pelo enunciador, o que se encontra fora do enunciado. E é considerado rebelde pelo técnico, que se encontra como sujeito interno do enunciado.

No terceiro e último exemplo citado acima, temos a seguinte situação:

Enunciado III – O pai julgou o **filho marginal inocente**.

Como os dois primeiros exemplos, temos, aqui, dois sujeitos distintos, o sujeito do enunciado, neste caso, o ‘pai’, e o sujeito enunciador, que diz que o pai julgou.

Para o pai, o filho é inocente; para o enunciador, o filho é marginal.

Neste exemplo, temos um substantivo e dois adjetivos. Observamos que são adjetivos antônimos, expressam significados opostos. Então como podem se referir ao mesmo e único substantivo ao mesmo tempo?

A partir dessa análise, observamos que o sujeito interno (da dimensão orgânica) julga, sentencia o objeto analisado, por meio do predicativo, enquanto que o enunciador (da dimensão enunciativa) individualiza, caracteriza o objeto, por meio do adjunto adnominal.

De qualquer maneira, fica claro que as análises tradicionais limitam o pensamento sobre as questões da língua por se basearem única e exclusivamente, na dimensão orgânica, pois, como afirma Dias:



“Analisar uma questão linguística como a agregação entre o substantivo e o adjetivo envolve conhecer não apenas o modo como ela se dá no nível das relações estritamente linguísticas (dimensão orgânica), manifestadas na linearidade do sintagma, mas também no jogo das posições de enunciação, que explicam a unidade semântica de um sintagma com dois adjetivos contraditórios agregados ao mesmo substantivo, sem que aí se constitua uma contradição (dimensão enunciativa)”. (Dias, 2007,2)

Topicalização: o adjetivo como tópico

Outra possibilidade de análise do adjetivo é quando ele se encontra anteposto ao sujeito, na função sintática de predicativo.

Nesse caso, segundo Dias, particulariza-se, do ponto de vista enunciativo, pela localização do adjetivo como tópico, em oposição ao adjetivo como predicativo posposto ao sujeito. Em geral, no primeiro caso, o adjetivo faz referencial espiritual. Já, no segundo caso, há referência à grandeza de entidades do mundo material.

Vejamos as sentenças abaixo:

- 1 – Áspera é a vida;
- 2 – A calçada é áspera;
- 3 – A madeira é áspera;
- 4 – Minha pele é áspera;
- 5 – A folha é áspera.

Observamos que na sentença (1), a dimensão enunciativa se sobressai, o adjetivo é analisado como tópico, anteposto ao sujeito, e reage de forma diferente dos adjetivos das demais sentenças, por esses estarem posposto ao sujeito, numa dimensão orgânica, embora todos exerçam a mesma função sintática: predicativo do sujeito.

Fica claro que vida, na sentença (1) é o sujeito-interno da dimensão orgânica, enquanto que o sujeito-enunciador é o sujeito que se encontra fora do enunciado. Assim, a vida, em si, não é, nem pode ser considerada, áspera, por ser, esse adjetivo, próprio de elementos de natureza material como se vê nas demais sentenças. Desse modo, a topicalização dá uma ênfase num sujeito, que, neste caso, é o sujeito-enunciador, que teve de passar pela experiência de uma vida difícil, cheia de provações.



Ocorre um entrelaçamento, segundo Dias, entre a “memória histórica” da aspereza de itens materiais, como os das sentenças (2), (3), (4) e (5) e a “contraposição” da aspereza de um item não-material, como é o caso de vida, na sentença (1).

Dizendo de outra forma, o adjetivo **áspera** se relaciona com o substantivo **vida** pela dimensão orgânica e pela dimensão enunciativa, que, produzindo a topicalização do adjetivo, faz com que se venha à tona “o lugar de memória de outras frases que com ela dialogam por oposição”.

Pela análise do adjetivo, feita acima, havemos de concordar com Dias. De acordo com suas palavras, “o sentido não se constitui na relação entre a palavra e o referente”, enquanto apenas uma entidade no mundo, mas, continua, “como a relação entre a palavra e um domínio de memória (de natureza discursiva)”. Isso faz com que o referente não seja visto como uma entidade externa à linguagem, e sim, como “uma entidade categorizada a partir de uma visão de mundo”

Dias afirma ainda que “esse referente só é acessível a partir de um domínio de memória, de ordem histórica; e é esse domínio de memória que permite ao sujeito significar, isto é, permite ao sujeito interpretar e ser interpretado”, pois, “essa perspectiva de abordagem do sentido tem implicações na concepção do fato linguístico. Fatores de natureza enunciativa (em que se situa o domínio de memória) são pertinentes à constituição dos fatos de língua”.

Como se observa, Dias procura trabalhar de forma diferente das gramáticas tradicionais a compreensão do adjetivo, apoiando-se em uma teoria da enunciação e inserindo, em seus estudos, “a exterioridade como constitutiva do fato gramatical”.

À guisa de conclusão

Esse olhar diferenciado sobre questões linguísticas, proporcionado pela Semântica Enunciativa, e destrinchado por Dias em seus artigos, contribui para que o processo ensino-aprendizagem, em sala de aula, da língua portuguesa, seja mais dinâmico.



Sem dúvida, é uma maneira de provocar nos alunos do ensino fundamental e médio aquele interesse necessário para o envolvimento dos mesmos nas questões de linguagem, tão importantes para o seu cotidiano familiar, escolar e social.

Quanto mais cedo o ser humano adentrar-se no mundo virtual da linguagem, captando os pormenores escondidos nas entrelinhas das palavras ouvidas, faladas, lidas e escritas, mais cedo esse ser humano tomará ciência de que a palavra é um instrumento extraordinário para o seu desenvolvimento integral e do qual ele não pode abrir mão.

E, assim, a escola possa cumprir com o seu papel de auxiliar na formação acadêmica de crianças, adolescentes e jovens, instruindo-os com as novidades teóricas sobre os estudos da língua materna.

REFERÊNCIAS

DIAS, Luiz Francisco. A sintaxe em novas dimensões. In: TOLDO, Claudia Stumpf (Org.). Questões de Linguística. Passo Fundo, RS: UPF Editora, 2003.

_____. Perspectivas de estudo do adjetivo numa ótica enunciativa. UFMG. Abril de 2007 (Inédito).

CUNHA, Celso; CINTRA, L. Nova gramática do português contemporâneo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

GUIMARÃES, Eduardo. Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem. Campinas: Pontes, 1995.

HOUAISS, Antônio. Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.